

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 284

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

PAGAMENTO ADIANTADO

O ESPIRITO DEMOCRATICO

Entremos hoje, sem mais delongas, no assumpto capital d'estes artigos.

Não ha duvida nenhuma que Luiz XVI e Maria Antonieta conspiraram abertamente contra a liberdade e os interesses da França.

Maria Antonieta escrevia a seu irmão, em julho de 1791, a pedir-lhe que convocasse um congresso armado capaz de se oppôr ás facções e de fornecer os meios necessarios para que se podesse proceder livremente. Esse congresso, segundo os planos da rainha, reunir-se-hia em Colonia ou em Aix-la-Chapelle, ao mesmo tempo que forças consideraveis, vindas de todos os lados, se reuniriam sobre as fronteiras de França. D'esse modo o imperador da Allemanha, sempre hesitante, seria arrastado mais longe do que desejava; os emigrados, que ameaçavam proceder com as suas proprias forças, e projectavam um golpe de mão sobre Strasburgo, seriam detidos no seu louco ardor; e o partido popular ficaria aterrado.

N'essa altura Luiz XVI esforçar-se-hia por ganhar a confiança publica; escreveria publicamente aos reis seus irmãos censurando os manejos dos emigrados; e faria executar litteralmente a constituição que tinha sancionado. A nação, assustada pela linguagem firme e uniforme da Europa apoiada n'um exercito formidavel, lançar-se-hia nos braços do seu rei, supplicando-lhe que intervisse como medianeiro. Luiz XVI sahiria de Paris, chegaria livremente á fronteira, dirigir-se-hia mesmo ao congresso como defensor dos interesses do seu paiz.

Tal era o grande plano de Maria Antonieta (1).

Para o realisar fartaram-se, tanto ella como o rei, de escrever cartas para a Austria, Prussia, Russia, Hespanha, Suecia, etc. «A nossa sorte, dizia ella em carta a seu irmão Leopoldo, vai ficar inteiramente nas mãos do imperador; d'elle vai depender a nossa existencia futura; espero que se mostrará meu irmão e verdadeiro amigo e alliado do rei. N'este momento é que o congresso armado poderia ser da maior utilidade. Não queremos, nem podemos, manter uma constituição que faz a desgraça e a perda de todo o reino; desejamos chegar a um estado de coisas rasoavel que se não pôde

(1) Leiam se as obras excellentes de Arthur Chuquet sobre as guerras da revolução, pelas quaes n'estes artigos nos iremos guiando.

estabelecer sem o socorro poderoso das outras potencias.»

Por seu lado Luiz XVI escrevia a Frederico Guilherme, rei da Prussia: «Os facciosos mostram abertamente o proposito de destruir inteiramente os restos da monarchia; um congresso das principaes potencias da Europa, apoiada n'uma força armada, seria a melhor maneira de conter estes sectarios, de restabelecer a ordem, impedindo que o mal que está minando a França se possa estender a outros estados da Europa.»

A 30 de março de 1792 chegava a Vienna d'Austria, sob o falso nome de Dommartin, um agente da côrte, o barão de Goguelat, o qual affirmava ao governo austriaco que Luiz XVI só na apparencia se deixava arrastar pelo governo revolucionario; que, no fundo, o que elle desejava ardentemente era que se fosse o mais cedo possivel em seu socorro; que estava convencido de que, uma vez declarada a guerra, um partido consideravel se reuniria em volta de si, que contava com a sua guarda, dois terços da guarda nacional de Paris, com toda a sua cavallaria, com os suissos e com sete oitavos da burguezia; «só a canalha dos *foubourgs* Sant-Antoine e Saint-Marceau seguiria o impulso dos jacobinos.»

Coitado, enganou-se. Mas fica provado que commetteu o crime d'alta traição pelo qual o condemnaram á morte. E se pelo crime d'alta traição tantas vezes foram condemnados justamente, e sem protesto, muitos que não eram reis, não se pôde contestar que justamente Luiz XVI foi guillotinado, e, depois, Maria Antonieta.

O governo francez quiz evitar a guerra e fez todos os esforços n'esse sentido. Mas, como diz Chuquet, o choque entre os velhos governos e essa Revolução, que proclamava a soberania do povo e ameaçava todos os poderes estabelecidos, era inevitavel.

Leopoldo II, excitado pela prisão de Luiz XVI em Varennes, denunciava este attentado *inaudito* a toda a Europa e reivindicava a inviolabilidade da pessoa real. Os soberanos, dizia elle, reunir-se-hão para vingar com estrondo o rei de França ultrajado, pôr cobro aos exaggeros perigosos da Revolução e fazer cessar o escandalo d'uma usurpação de poder que tomara o caracter d'uma revolta aberta, cumprindo a todos os governos reprimir esse funesto exemplo.»

O rei da Prussia exprimia-se nos mesmos termos, declarando altivamente que a situação de Luiz XVI interessava a todos os soberanos da Europa, os quaes

«dariam ás suas tropas as ordens sufficientes para que podessem efficazmente intervir.»

Uma attitude de tal ordem não podia deixar de produzir em França uma grande irritação. Os odios accumulavam-se sobre a cabeça de Maria Antonieta, muito mais detestada por ser *austriaca* do que por todas as suas leviandades de mulher. A *Gironde*, que dominava então na *Assembleia legislativa*, trovejava contra a Austria. No entanto, o governo francez ainda fez alguns esforços por evitar a guerra e pediu á Austria que não consentisse que os emigrados se concentrassem sobre a fronteira franceza, onde estavam conspirando livremente. «Formam, dizia Vergniaud, uma cintura de conspiradores em volta da França; agitam-se e dão-se a ratos para lhe procurar inimigos; excitam os soldados á deserção; sopram entre os seus filhos o sopro da discordia; com o ferro e a tocha na mão, elevam ao céo indignados votos criminosos para apressar o dia em que a possamos cobrir de cinzas e de ruínas.»

O imperador respondeu que eram exaggeradas as accusações feitas aos emigrados e que nas gazetas de França retumbavam as declamações injuriosas contra todos os soberanos da Europa, declamações applaudidas no seio da *Assembleia*, solicitando taes factos séria attenção da parte das potencias estrangeiras reunidas em congresso para segurança e honra das corôas reaes.

A *Assemblea*, irritadissima, declarou traidor á patria e culpado do crime de lesa-nação todo o francez que tomasse parte n'um congresso cujo objectivo seria uma modificação na constituição franceza e decidiu perguntar ao imperador se elle queria ou não, como chefe da casa d'Austria, viver em paz com a França.

Kaunitz respondeu que o cunhado e alliado do rei tinha tido razão para provocar um accordo entre as potencias e que esse accordo subsistia ainda por causa da anarchia popular e da influencia do partido republicano sobre a assembleia; o imperador, accrescentava o ministro, julgava um dever denunciar publicamente a seita dos jacobinos, as suas provocações e as suas tramas perigosas.

Entrementes morria Leopoldo II, succedendo-lhe seu filho Francisco. Este, mais bellicoso que seu pae, deu o commando geral das tropas ao duque de Brunswick, encarregando-o de salvar da anarchia a França e a Europa.

Estava declarada a guerra. Veremos a força enorme, o entusiasmo, a virilidade que demonstrou então o espirito democratico.

REORGANISAÇÃO REPUBLICANA

O partido republicano nunca contou senão com as suas *chafaricas*. Desprezou sempre a opinião democratica do paiz. E d'ahi a sua continua impotencia.

Gastou-se em luctas intestinas, em fazer e desfazer homens, ora elevando-os até ás nuvens, ora arrastando-os pela lama. Foi sempre excessivo, quer no louvor, quer no vituperio.

Não houve no paiz partido mais ferozmente intolerante. Nunca admittiu quem desassombradamente dissesse a verdade.

Emendou-se n'este ponto? Não. Está o mesmo. A sua intolerancia é feroz!

Portanto, é evidente que não dará um passo, se não for capaz de se emendar.

Ha que distinguir entre o partido republicano dos jornaes, dos clubs, dos conventuculos, e a grande opinião democratica do paiz, que está fóra d'isso tudo. Esta acompanhou, e acompanhará o partido republicano sempre que elle tratar de principios dos grandes interesses nacionaes. Abandona-lo-ha, sempre que elle se entretiver com banalidades e intrigas.

Temos a prova do que dizemos em nossa propria casa. Desde que o *Povo de Aveiro* entrou resolutamente no caminho dos principios e dos graves problemas da nação, a sua tiragem quadruplicou. E' hoje quatro vezes maior do que era ha pouco tempo ainda. E vai subindo incessantemente.

Ao mesmo tempo o odio das *chafaricas* contra nós é mais intenso ainda do que era d'antes. As *coteriês* não nos perdoam o nosso desassombro, a nossa independencia honesta. Não nos admittem o nosso espirito de critica, imparcial e recta.

Isto demonstra, sem duvida alguma, o que estamos dizendo, isto é o antagonismo profundo entre o partido republicano official e a grande opinião democratica do paiz. O que a grande opinião democratica do paiz pretende não é que o partido republicano pape jantares, faça festas d'egreja, com grandes louvores aos santos e seus milagres, aos juizes da irmandade e suas virtudes e serviços. Ou que empregue o seu tempo a chamar nomes feios aos ministros e outros figurões, que de simples palavreado, principalmente quando elle é insulso, que nem ao menos fere como chicote, por mais violento que pareça, não fazem, de ha muito, caso algum. O que a opinião democratica, que é enorme, deseja, é que o partido republicano trate a sério, a valer, a fundo, as grandes questões de principios. E' que estude a sério, a valer, a fundo, os grandes problemas da vida nacional.

A rhetorica teve o seu tempo. As odes e os dithyrambos tambem.

O partido republicano tem homens muito illustres? Todo o mundo o sabe. Homens muito honestos? Ninguém o ignora. Affirmar repetidas vezes aquillo de que não se duvida é mau processo.

Tem homens muito illustres, tem. Tem homens muito honestos, incontestavelmente. Mas que esses homens, que são numerosos, mettam hombros á nobre empreza de orientar a opinião sobre a maneira mais efficaz e mais rapida de se remedia-

rem as desgraças nacionaes. Que não é bem com lindas palavras, mas com bellas obras e bellos pensamentos.

A opinião democratica, a grande opinião democratica do paiz, não quer um partido de elogio mutuo, em que os jornalistas e mais magnates se desfaçam a tecer louvores uns aos outros, a chamar-se reciprocamente grandes homens. Quer um partido em que os *homens* se imponham, não pelas palavras dos partidarios e amigos, mas pelas suas proprias obras.

Não quer um partido em que sejam olhados com rancor, com odio concentrado, aquelles que commettam o unico crime de não ir na esteira d'esse elogio mutuo, d'essa declamação sobre a infallibilidade e mais partes dos pontifices da Egreja republicana; aquelles que tenham a *pouca vergonha* de pensar; que commettam a ousadia de professar o culto dos principios, a audacia de ter opiniões suas.

Quer um partido largo, aberto, tolerante, em que se discutam urbanamente todas as personalidades politicas e se critiquem decentemente todos os processos e todas as affirmações.

E' isto. Creiam que é isto. Não o dizemos para ferir ninguém. Dizemo-lo porque é uma grande verdade se dizer.

Dizemo-lo porque mais vale prevenir do que remediar. E, n'esta conjunctura, dizemo-lo por uma vez. Não voltaremos a repeti-lo. Depois de termos mostrado, no ultimo artigo, qual é a nossa attitude, que é toda de paz, de conciliação, de bons propositos, pareceu-nos um dever apontar os erros, erros em que se vem reincidindo, e que, a continuarem, serão a inutilisação completa, para muitos annos, do partido republicano portuguez.

Di-lo quem nunca se enganou nos seus vaticinios sobre esse partido.

Quem nunca se enganou. Nunca! Nunca!

E nem mais uma palavra diremos sobre tal assumpto. Nem hoje, nem proximoamente.

Só isto, para terminar: Com a nossa boa vontade, com o nosso espirito de conciliação, podem contar resolutamente.

Dissemos-lo no domingo passado e hoje dizemo-lo pela ultima vez.

Magalhães Lima

Realisa-se amanhã em Aveiro um almoço em honra do sr. Magalhães Lima.

Não foi essa festa iniciada pelos republicanos, e facilmente se percebe porquê. O sr. Magalhães Lima foi honrado ha pouco em Lisboa com uma manifestação importante. A essa manifestação adheriram os republicanos d'Aveiro; como os republicanos de varios pontos do paiz. Repeti-la aqui, a poucos dias de data, fosse qual fosse o pretexto, seria uma macaqueação deprimente, risivel, tirando-lhe um tanto do caracter sério que a revestiu. Isto é verdadeiramente um paiz de caricatura, um paiz grotesco, que tudo destroe, o que ha de mais sério, de mais sincero, de mais verdadeiro, com uma imitação falsa, insensata, mesquinha, ridicula, onde só avulta a pretensão idiota de *fazer figura*. Assim se inutilizam, sempre, todos

os actos, todas as intenções, todos os homens, por maior valor intellectual e moral que possuam.

A festa de Lisboa, em honra do sr. Magalhães Lima, se já não foi inteiramente séria ainda despertou em toda a gente sentimentos de seriedade. A de Aveiro começa a ser ridicula. Amanhã, se n'outro ponto se repete; tornará o sr. Magalhães Lima alvo da gargalhada publica.

Eis porque os republicanos locaes não tomaram a iniciativa do almoço, que se vae realizar.

Mas adheriram a elle, exactamente pela mesma razão porque o não iniciaram. Adheriram a elle para levantar o nome do sr. Magalhães Lima. Para o salvar d'um tremendo fiasco. Para evitar essa gargalhada nacional atraz referida, a gargalhada da parte intelligente, sensata, culta do paiz.

Com effeito, o que distingue o sr. Magalhães Lima? O que o eleva? O que o impõe ao respeito dos outros? E' o seu alto valor scientifico? E' o seu alto valor litterario? E' o seu alto valor philosophico? Não. O sr. Magalhães Lima não é um sabio, não é um philosopho, não é um pensador, não é um erudito, não é um grande jornalista nem um grande orador que a vaidade do paiz levante nos seus escudos como uma gloria nacional. O sr. Magalhães Lima tem apenas a distinguilo a constancia e a nobreza com que tem defendido o seu ideal democratico. Mais nada.

Ora n'essas condições apparecer a consagra-lo todo o fiel patife da politica, das letras e das tretas, é tudo quanto ha de mais hypocrita, de mais porco, de mais repugnante.

Paiz grotesco, que nem se lhe pôde chamar paiz de farçantes. O farçante tem arte. Pouca ou muita, tem arte. E estes esterqueiros, com pretensões a gente de sociedade, não tem arte nenhuma.

Não tem caracter politico a manifestação em honra do sr. Magalhães Lima, gritaram, e gritam elles. Pois não. E' obra de pandega, como n'um restaurante, ou n'uma taberna. Vae-se apanhar uma bebedeira ou uma indigestão a pretexto do sr. Magalhães Lima, como a pretexto d'uma camarera ou de qualquer prostituta afamada de café concerto. Vae-se ouvir os brindes, como se vae ouvir o graphophone. Vae-se gosar o espectáculo, como no cinematographo ou no salão arabe.

Que importa beber por um instante a saude da liberdade e da humanidade? Até é chic, como respirar os perfumes e fumar as cigarrilhas d'uma corteza da moda. Fóra da porta, volta um homem á sua vida honesta.

Paiz ignobil!

Já em Lisboa se patenteou, na manifestação em honra do sr. Magalhães Lima, esse impudor, essa carencia absoluta de senso moral, que tanto caracteriza esta raça liquida. Os que quizeram honrar no sr. Magalhães Lima o espirito de verdade, de justiça, de bondade, concretizado no espirito democratico, não duvidaram juntar, em numeros especies de gazetas e em banquetes, a ultima frandulagem, apostatas, cynicos, galopins eleitoraes, escrevinhadores da mais infima especie, escoria, emfim, com homens de talento e de coração. Agora, em Aveiro, peor, como, de resto, em todas as caricaturas. Inicia a festa em honra do sr. Magalhães Lima, com raras excepções, homens que são tudo e homens que não são nada. Miseraveis apostatas, a maioria dos quaes ainda hontem abandonaram os principios republicanos para seguir a bandeira d'esse grande democrata que se chama João Franco! E, assim, sem os republicanos, que dedicadamente e habilmente foram attenuar essa vergonha, o sr. Magalhães Lima teria a consagra-lo os auctores da lei de 13 de fevereiro. Sem os republicanos, que lhe vão levantar o animo, o sr. Magalhães Lima sentir-se hia vexado, humilhado, envergonhado, tendo por glorificadores e convivas o Chica, o Mijaveta, o Bicheza e quejandos.

Paiz ignobil!

Os republicanos de Aveiro andaram honradamente. Quem escreve estas linhas não tem relações, nem as terá jámais, com o sr. Magalhães Lima. Não sympathisa com elle pessoalmente, nem sympathizará nunca. Não lhe fez, não faz, não fará, voluntariamente, uma referencia agradável. E' pessoa que morreu definitivamente para nós, como todas aquellas com quem um dia rompemos a sério. Mas quando as circunstancias, como hoje, quando o nosso dever de jornalista nos compellir, como agora, a fazer justiça, faremos justiça. E a justiça manda que se diga que atravez dos seus defeitos e dos seus erros, o sr. Magalhães Lima tem a grande virtude de haver pugnado sempre por um grande ideal de redempção. O sr. Magalhães Lima, melhor ou peor, defende ha muitos annos esse ideal com constancia, com firmeza, com honestidade e com amor. Alvejamos-lhe os cabelos. Vae caminhando já para o tumulo. D'elle se pôde dizer com verdade, com grande verdade, n'este momento, que é para nós solemne porque falamos d'um homem que não estimamos, que bem serviu a patria e a humanidade. Que soube conservar a sua altivez e a sua dignidade de homem n'um meio corrupto e vil.

Andaes honradamente, republicanos de Aveiro, em não consentir que mãos de apostatas, de especuladores, de ignobis galopins, maculem esses meritos sagrados. Andaes honradamente em abafar com a vossa voz leal, sincera, impolluta, a voz avinhada dos torpes.

Ide. Magalhães Lima é um politico. E' um democrata. Nem é, sequer, um filho de Aveiro. Não ha enganos, nem especulações possiveis. Não festejareis n'elle a gloria; não vos podereis encher de jactancia, de miserias vaidades patrioticas. Em Magalhães Lima só ha que applaudir o politico honesto, o democrata intelligente, sincero, humano, que trilhou sempre o caminho da liberdade e do progresso, amando a luz e marchando para a luz.

Assim o deveis louvar e exaltar, esmagando com os vossos louvores e applausos a hypocrisia, a torpeza, a vileza, d'aquelles que dizendo applaudir tambem o illustre democrata são a negação perfeita das virtudes que acclamam.

Sejamos dignos de nós proprios, sendo coherentes. Ponhamos cobro á confusão ignobil que nos avilta.

POR CURIOSIDADE

Entre os signatarios do convite para a manifestação aveirense em honra do sr. Magalhães Lima figuram os srs. Joaquim Simões Peixinho, Domingos José dos Santos Leite, Jayme Duarte Silva e Manuel Gonçalves Moreira. Todos estes cidadãos foram republicanos, e republicanos revolucionarios. Depois fizeram-se: o primeiro progressista e os tres ultimos francaceos. Agora iniciam festas em honra do sr. Magalhães Lima!

Pois não é descaramento? Estes factos demonstram bem a baixaze do caracter nacional. Em parte nenhuma se viu um apostata associar-se á consagração dos principios de que apostatou. E em parte nenhuma se viu um seu ex-corrigionario aceitar essa consagração, ou a camaradagem do apostata em consagrações de tal ordem. Em parte nenhuma e em epocha nenhuma. Nem nas epochas de maior abatimento moral. Os ignorantes que percorram a historia, e verão.

Em Portugal, é a toda a hora! Paiz ignobil! Paiz perdido!

Pôde-se comprehender que um homem, por necessidades imperiosas da vida, ou por qualquer circumstancia grave, não tenha a força precisa para resistir á tentação de se agrupar com os partidarios da monarchia. Mas n'esses casos, se tal homem tem uns restos de pudor, se quer, no principio, que se viu obrigado a abandonar. A falar n'elles em publico, é claro. A associar-se a manifestações que de perto ou de longe se prendam com elles. Quando esse homem não tenha pudor, senso ou intelligencia para proceder de tal forma compete áquelles que se conservarem fieis á democracia coagi-los a uma conducta decorosa.

Esses ex-republicanos que tomam a iniciativa do almoço em honra do sr. Magalhães Lima, são os mesmos que tomaram a iniciativa do almoço em honra do sr. João Franco. Hontem, segundo as palavras do sr. Jayme de Magalhães Lima na camara dos deputados, em sessão de 1 de fevereiro de 1896, **commetteu acto de tanta importancia que constitui uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão.** Amanhã brindam ao homem que tem protestado sempre contra esses actos de tamanha magnitude e gloria.

Hontem brindaram ao homem em quem o sr. Jayme de Magalhães Lima, na mesma sessão parlamentar de 1 de fevereiro de 1896, só achou um defeito: **extrema tolerancia.** Amanhã brindam ao homem que em vez de tolerancia só reconhece no sr. João Franco despotismo e tyrannia.

Hontem brindaram ao homem que, segundo o sr. Jayme de Magalhães Lima na sempre referida sessão parlamentar de 1 de fevereiro de 1896, **fez manter e garantir a ordem empregando a coacção, unica maneira de a garantir e manter para aquelles em quem a miseria atrophiou o sentimento moral.** Amanhã brindam ao homem que nunca se conformou com essa maneira de garantir e manter a ordem.

Isto é sério? E' decoroso? E' honesto? Haverá homem algum, seja de que partido fôr, que conscienciosamente o affirme?

E' sério, é honesto, é decoroso, que outros que se dizem ainda republicanos façam camaradagem com figurões de tal ordem?

Se o partido republicano vae n'esse caminho de covardias, de pusillanidades, de transigencias ignobis, e o exemplo vem do alto — veja-se Cunha e Costa a colaborar na *Voz Publica* como illustre corypheu democrata — escusa de pensar em reorganizações. Não perca tempo, que se está a enganar a si proprio.

Um partido pôde ser poderoso com dez ou doze mil homens resolutos, honrados, sinceros. Será sempre fraquissimo com dez ou doze milhões de homens covardes, pusillanimes, hypocritas falsarios.

Ponham de parte os pusillanimes e os hypocritas, se querem fazer alguma coisa. D'outra forma cobrem-se de vergonha e não farão coisa nenhuma.

▲ Pela nossa parte, estamos mais do que nunca resolvidos a transigir. E mais do que nunca resolvidos a não transigir.

Lei de 13 de fevereiro

Recebemos um officio da commissão executiva da Liga de protesto contra a lei de 13 de fevereiro pedindo-nos para abrimos uma subscripção publica destinada a custear as despesas que a mesma commissão tenha a fazer na sua generosa propaganda. Mais nos pedem no mesmo officio para darmos todas as noticias que digam respeito ao movimento iniciado contra a odiosissima lei.

Falta-nos hoje o espaço para tratarmos com mais demora tal assumpto. Mas pôde a commissão executiva da Liga de protesto contar com todo o nosso apoio e boa vontade.

Isso é que lhe garantimos desde já.

Cartas d'Algueres

Não recebemos esta semana carta do nosso correspondente.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compra a bicyclete—**A OSMOND**

Para inglez vêr

Agora é que o dicto é bem applicado. Os nossos patões levaram o duque de Connaught a vêr os esquadrões de cavallaria da Guarda Municipal de Lisboa. E o inglez, dizem elles, ficou maravilhado!

O que? Conseguiram intrujar o duque? Isso sim! Mas se intrujaram o fidalgo, quem elles não intrujam é o governo inglez. Tão certo como dois e dois serem quatro. O governo inglez é capaz de saber ainda melhor o estado dos nossos regimentos de todas as armas do que o proprio governo portuguez.

Mas que farçantes! Levem os principes aos quartéis dos regimentos de linha, que é ahi que está o exercito portuguez. Não o levem aos quartéis da guarda real.

Levem-nos lá e veremos depois se elles ficam maravilhados.

A QUESTÃO DAS CARNES

Sobre esta questão, que é curiosa, mas sobre a qual não temos podido escrever, tiramos da *Vanguarda* o seguinte, que é escripto pelo antigo *Lavrador do Debate*, homem consciencioso e honesto, com o qual discutimos aqui, em tempos, a questão dos trigos:

«Ao sr. Martins Junior, arrematante das carnes, dirigiu o intelligente lavrador, sr. Pedro Nunes, que já por vezes nos tem honrado com a sua collaboração, a seguinte carta:

«Começo por lhe dizer que o auctori. so a publicar esta carta, embora tenha a certeza de que so a publicar, será v. ex.ª a unica pessoa que a não considerará «commendada» pela simples razão de... não me conhecer. E d'ella o motivo apenas, a minha revolta constante contra uma coisa que, ou eu sou um insupportavel vaidoso ou a classifco co-

mo merece, chamando-lhe «a espezteza indigena».

Quando vi as bases do contracto das carnes, de que v. ex.ª é o arrematante, considerei que ellas tinham sido inspiradas, na sua relação com os interesses geraes do paiz, pelo justo proposito de desenvolver a criação do gado bovino em Portugal e de promover ao mesmo tempo, quando as circunstancias o permittissem, o seu barateamento no paiz, que como se sabe não é apenas Lisboa, mas agora pela discussão que v. ex.ª tem sustentado com auctores do contracto, vejo que me enganei. E que a minha illusão não é phantasia mostra-o, alem do que agora vou dizer, um artigo que ha mezes escrevi n'um jornal (que o partido republicano se deve envergonhar de ter deixado morrer), em que me insurgii contra o immoderado uso da carne de viella, por gravemente prejudicar o aumento da população bovina e concomitantemente o barateamento da carne.

Tinha pois a illusão de que os auctores do contracto, racional e patrioticamente tinham pensado em dar vantagens ao creador, sobre qualquer outro possuidor de bois, lavrador ou não, para assim incitarem a criação de gado bovino. Mas não; enganei-me e como se me apresentava pela frente a «espezteza indigena», vou combatel-a em proveito de v. ex.ª pelo prazer que sempre sinto em apresentar a verdade onde quer que seja que a mentira pretenda reinar.

O que perde o lavrador que não cria os bois que emprega na sua exploração agricola com o seu barateamento, para que lavradores a seus officiosos defensores venham bradar que quem não cria tambem é creador? Haverá alguém de bom senso que queira comprar bois caros, só pelo prazer de não vender bois baratos, tendo como succederia um capital immobilizado e arricado (como é todo o dinheiro empregado em semoventes) muito maior?

Exemplificando melhor: Se eu sou lavrador mas não crio os bois que preciso para a minha lavoura e os compro baratos, porque causas accidentaes embaraçeceram a carne, não será justo, direito, que os venda baratos? Nada perco, antes ganho, porque a mesma machina de trabalho me custa menos dinheiro e como tambem sou consumidor, como a carne mais barata.

Que aquelle que tem criação de gado bovino, quer tenha vacas de crear, quer crie bezerros—o creador—não constata que v. ex.ª lhe pouba entaves á recepção do seu gado; que lhe exija perdas e damnos se na dolorosa defeza do seu interesse v. ex.ª se quiser eximir a comprar-lho, não é justo, é justissimo. Mas que o lavrador que compra bois baratos venha gritar que os quer vender caros, é uma manifestação da «espezteza indigena» d'um quilate, mais vil pelos resultados que visa, mas na sua essencia parecido com o desprezo a que votou as ideias que expuz na *Vanguarda* de 14 de dezembro para resolver a unica questão economica e social verdadeiramente grande para o paiz—A QUESTÃO VINICOLA.

Portanto, repito, ou eu sou um vaidoso insupportavel, ou esta expressão de «espezteza indigena», é da ma ca habitual!

A tão repisada questão das carnes, não tem absolutamente importancia nenhuma ruim na economia agricola portugueza, se v. ex.ª, no cumprimento do que contratou, comprar pelo preço official todo o gado novo ou adulto que quem o criou lhe apresenta. Esta é a verdade.

Oxalá que circunstancias que d'um dia para o outro podem surgir-lhe não levem os lucros que v. ex.ª está auferindo; porque se certo que se Lisboa, pelo contracto que consigo fez, está livre dos seus maléficos resultados, serão elles para o resto do paiz um novo motivo de não poder comer carne, relativamente barata, aquelles que mesmo pelo preço habitual já difficilmente a podem comer.

Facilite v. ex.ª quanto possa e quanto deve as suas transacções com os «creadores» de bois e ria-se de quem lhe diz que creador é o lavrador que vae á feira comprar bois para lavar ou fazer fretes.

A differença entre creador lavrador ou não é o lavrador que compra bois para a sua exploração, é tal... que só n'este Bysancio se discute.

Ria-se tambem de quem diz o disparate que ha poucos creadores no paiz, porque é bem evidente que não havendo em Portugal gado bovino positivamente selvagem (sem dono) e havendo tantos bois no paiz, não pôdem ser poucos os creadores.

E mais lhe não diz sobre esta «espezteza indigena» o de v. etc. Lisboa, 28-12-904.

(a) PEDRO NUNES. Lavrador.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Compra a bicyclete

A "OSMOND," LOJA

ALUGA-SE uma no ponto propria para estabelecimento de modas ou mercearia, contendo já a respectiva armação envidraçada. Trata-se com o seu proprietario Luiz Henriques.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

CLINICA GERAL

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

11 DE JANEIRO

Fez annos n'este dia que morreu o grande poeta e genial auctor da *Cartilha Maternal*. Seriam banaes todas as palavras que se proferissem sobre esse immortal creador do unico methodo de leitura que possuímos. Sobre esse grande patriota e amigo do povo.

Regista-se uma data, e mais nada.

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

EPIGRAMAS DEMOCRATICAS

9 de janeiro.—Morre Victor Manuel, fundador da unidade italiana, 1878.

Victor Manuel II era o filho mais velho de Carlos Alberto, rei da Sardenha. Foi proclamado rei em 27 de março de 1849, depois da batalha de Novara, em que seu pai, abdicando por esse motivo, foi completamente derrotado pelos austríacos.

Em 23 de abril de 1859 rebentou novamente a guerra com a Austria. Victor Manuel, que tinha seguido uma politica habil, deixando-se guiar por Cavour, soube atrahir a si os partidos democraticos. Quando se apresentou ao Senado appellando para o patriotismo de todos, chamando para junto de si os homens de todas as opiniões e reclamando para si unicamente o titulo de primeiro soldado da independencia, as suas palavras despertaram o applauso unanime dos patriotas da Italia.

Depois da batalha de Solferino, a Austria ajustou a paz com a França, aliada de Victor Manuel, commettendo Napoleão III o erro de deixar incompleta, por espirito clerical, a obra da unidade italiana.

A pouco e pouco se foi Victor Manuel apoderando dos pequenos estados italianos, tarefa em que Garibaldi poderosamente o auxiliou. Em 1866 uniu-se á Russia contra a Austria. Apesar de vencido em Custozza e em Lina pelos austríacos, a batalha ganha contra estes pelos prussianos, em Sadowa, fez com que, nas condições de paz, lhe cedesse o Veneto. Falta-lhe só Roma, para ficar completa a obra da unidade italiana.

Garibaldi, que marchava sempre na frente, avançou terceira vez sobre Roma, mas foi derrotado pelas tropas francezas em Mentana.

Vencida a França em Sédan, deruido o throno de Napoleão, não restava ao papa nenhum auxilio. Victor Manuel aproveitou-se das circumstancias para fazer marchar um exercito sobre Roma, onde os italianos entraram em 20 de setembro de 1870. N'esse dia cahia para sempre o poder temporal do papa.

10 de janeiro.—E' traiçoeiramente assassinado Victor Noir por Pedro Bonaparte, 1870.

La Revanche, jornal democratico fundado em Bastia, tinha publicado um artigo virulento contra o primeiro Bonaparte. O principe Pedro Napoleão Bonaparte, filho de Luciano Bonaparte, respondeu no Avenir de la Corse com um artigo mais virulento ainda. Rochefort, na Marseillaise, fez causa commum com a Revanche. E tendo Bonaparte dirigido uma provocação muito violenta a Rochefort, este enviou-lhe as suas testemunhas. Tinha-se-lhe porém antecipado Paschal Grousset, correspondente da Revanche em Paris. As testemunhas de Grousset eram Victor Noir e Ulrich Fonvielle.

Procurado por ellas o principe Bonaparte, e explicado o motivo da sua visita, Bonaparte respondeu:

«Provoquei Rochefort porque elle é o porta-estandarte da crapula. Quanto ao sr. Grousset, nada tenho a responder-vos. Sois vós solidarios com esses corruptos?»

Fonvielle respondeu:

— Senhor, vimos a vossa casa lealmente, cumprindo o mandato de um nosso amigo.

— Sois solidarios com esses miseráveis?

— Somos solidarios com os nossos amigos.

Mal Victor Noir acabava de pronunciar estas palavras, Pedro Bonaparte, tirando um revolver do bolso, fez fogo á queima roupa sobre o infeliz. Victor Noir sah, gritando por socorro. Pedro Bonaparte avança sobre Fonvielle e dispara tambem contra elle, atravessando-lhe com uma bala o paletot. Fonvielle foge, gritando: «Assassino! Assassino!» Chegando á rua encontra Victor Noir agonisante.

A noticia d'esta infamia circula em Paris rapidamente, produzindo espantosa indignação. A Marseillaise apparece trajada de negro, com estas linhas, em normando, na primeira pagina:

«Tive a fraqueza de julgar que um Bonaparte poderia deixar de ser um assassino.

Ousei imaginar que seria possivel um duello leal n'essa familia, onde o assassinato e a traição teem sido habituaes e tradicçoes.

O nosso collaborador Paschal Grousset partilhou o meu erro e hoje choramos ambos o nosso pobre e caro amigo Victor Noir, assassinado pelo bandido Pedro Napoleão Bonaparte.

Ha desoito annos que a França está nas mãos ensanguentadas d'esses salteadores, que, não contentes de metralhar os republicanos nas ruas, os atrahem a ciladas immundas para os estrangularem nos domicilios.

Povo francez, não achas, decididamente, que é de mais?

Henrique Rochefort.»

O governo apressa-se a mandar apprehender a Marseillaise e a annunciar nos jornaes officiaes que Pedro Bonaparte tinha sido preso por ordem do imperador. Debalde. A agitação torna-se terrivel. Ouve-se a palavra vingança em todas as boccas. Cem mil homens se encaminham para a morada de Victor Noir a fim de acompanharem o cadaver ao cemiterio. O governo e o imperador julgaram que seria essa a ultima hora do imperio. E se-lo-hia, talvez, sem a prudencia ou a covardia de Rochefort.

Foi Rochefort que instou vivamente com a multidão para não avançar pelo interior de Paris.

Mas se o imperio não morreu n'esse dia, a sua existencia tinha-se tornado impossivel em França.

A morte de Victor Noir teve esse alto valor: marcou o final da transigencia ignobil com que a França vinha tolerando o imperio.

Seis mezes depois o imperador lançava-se na tragica aventura da guerra contra a Prussia, como ultimo recurso de salvação.

11 de janeiro.—Morre Cimarosa, victima do seu amor pela liberdade italiana, uns dizem que estrangulado, outros que envenenado por ordem da dissoluta e vingativa rainha Carolina de Napoles, 1801.

Domingos Cimarosa, o celebre compositor, nasceu em Aversa, no dia 17 de setembro de 1754.

Era filho d'um pobre pedreiro, que morreu caindo de um andaime, deixando-o orphão de 7 annos. Um dos frades franciscanos de S. Severo, o padre Poliano, tomou conta da creança e educou-o.

Aos 19 annos Cimarosa deixou o conservatorio e começou a percorrer a Italia, improvisando partituras que enthusiasmavam os italianos. A sua fama chegou á Russia e Catharina chamou-o para substituir Paeiello. Cimarosa partiu, mas por toda a parte por onde passava, Liorne, Vienna, Varsovia lhe faziam um acolhimento entusiastico. Em S. Petersburgo Catharina fixou-lhe um avultadissimo ordenado, para o reter na sua corte. Foi alli que escreveu quatro operas, uma das quaes La Vergine del Sole, obteve grande successo. Doente, recolheu á Italia. Mas passando por Vienna d'Austria alli se demorou, compondo a sua obra prima o Matrimonio Segreto, que agradou tanto ao imperador Leopoldo II, que na primeira noite em que ella se cantou depois de ter acabado ordeno que principiase outra vez. Recolheu a Napoles, onde o Matrimonio Segreto obteve tambem exito extraordinario, escreveu as Astucias femininas, e chamado a Roma em 1796 alli escreveu os Inimigos generosos e em Veneza os Horacios e os Curiacios, considerada pela critica como obra de grande valor.

Em Napoles abraçou com enthusiasmo a causa da revolução republicana, compondo a Marselheza napolitana, cuja lettra era da celebre portuguezia Leonor da Fonseca Pimentel, grande espirito, gloria d'uma patria que, na quasi totalidade dos seus filhos, nem sabe da sua existencia, pagando na força, onde morreu heroicamente, o privilegio do seu talento e do seu coração.

A lettra principiava por estas palavras:

Il tiranno á caduto, sorgete Gente oppressa...

Cimarosa não foi enforcado, como Leonor da Fonseca Pimentel, porque lhe accudiu o embaixador da Russia. Appareceu morto, porém, em 11 de janeiro de 1801, assassinado por ordem da crapulosa rainha de Napoles.

12 de janeiro.—A Grecia torna-se independente da Turquia, depois de uma lucta heroica, 1822.

13 de janeiro.—São mortos barbaramente no cadafalso, em Lisboa, 1759, o duque d'Aveiro, a marquez de Tavora, o marquez de Tavora e seus filhos, o conde d'Athouguia e os tres plebeus Manuel Alvares Ferreira, Braz José Rameiro e João Miguel, os dois primeiros creados do duque de Aveiro e o ultimo do marquez de Tavora.

A primeira a morrer foi a marquez de Tavora. Os algozes fizeram-na primeiro percorrer o cadafalso em todo o seu ambito para que o povo a visse bem. Depois mostraram-lhe vagarosamente os instrumentos de supplicio, dizendo-lhe para que serviam, descrevendo-lhe com minuciosidade os seus diversos effeitos e completando a descripção feroz dizendo-lhe porque modo iam morrer seu marido e seus filhos. A desgraçada, que tinha subido as escadas do cadafalso com serenidade e coragem, chorava loucamente á idéa das torturas que seus filhos iam soffrer, supplicando que a matassem sem demora.

Nunca a historia poderá perdoar esses horrores ao marquez de Pombal.

Morta a marquez, seguiu-se seu filho mais novo, José Maria de Tavora, pobre rapaz de 21 annos, e que, segundo todas as probabilidades, estava innocente no crime. Subiu as escadas do cadafalso quasi desfallecido.

Estenderam-no n'uma aspa (cruz de S. to André) e ali lhe partiram as canas dos braços e das pernas, dilacerando-lhe as carnes lentamente.

O terceiro foi Luiz Bernardo, filho dos marquezes, marquez elle tambem, aquelle que o rei D. José deshonrou, sendo amante da mulher. Depois de o deshonrar, mandava-o turturar e matar.

Soffreu os martyrios de seu irmão. O quarto foi o conde d'Athouguia, D. Jeronymo d'Atayde, parente dos Tavoras, e talvez por este unico motivo condemnado.

Seguiram-se os tres plebeus. Esses, Manuel Alvares Ferreira, Braz José Rameiro e João Miguel, subiram ao patibulo descalços, por serem filhos do povo. A lei fazia essa distincção odiosa. Vinham em camisa e de calções sem meias.

Era meio dia. Interrompeu-se por instantes o espectáculo, que durava desde as seis horas e meia da manhã. As aspas foram substituidas por outras que provocassem maiores torturas. E continuou a matança.

Coube a vez ao velho marquez de Tavora, Francisco d'Assis. Appareceu todo vestido de preto, avançando para o cadafalso com rapidez e serenidade. Sujeitaram-no ao mesmo supplicio a que tinham sujeitado sua esposa. Mostraram-lhe os instrumentos de tortura, e disseram-lhe o que tinham soffrido com elles os seus filhos, o seu parente, os seus creados e sua mulher. Não contentes com isso, os algozes descobriram aos seus olhos os corpos dilacerados e desfigurados d'esses entes queridos. Verdaderamente horrivel! Depois sujeitaram-no a mil atrocidades.

Seguiu-se o duque de Aveiro, o mais criminoso de todos. Identicos martyrios. Mas as maiores atrocidades estavam reservadas para o fim, para o plebeu Antonio Alvares Ferreira que fôra, com José Polycarpo d'Azevedo, que conseguira evadir-se, quem disparara os tiros que feriram o rei. O que fizeram a esse desgraçado, nem se pôde descrever. Os leitores calculam, pelo que fica descripto. Bastará dizer-se que a morte de Damians, que referimos no numero passado d'este semanario, foi uma morte de santo ao pé da morte do infeliz Alvares Ferreira.

O marquez de Pombal precisava de abater o jesuitismo e a fidalguia. Mas essas crueldades não lh'as pôde perdoar a historia.

E' fuzilado Caneca, 1825.

Proclamada a independencia do

Brazil, houve successivos movimentos de revolta contra D. Pedro I, depois D. Pedro IV em Portugal. Um d'elles foi o de Pernambuco, que proclamou a republica como todos os outros.

Frei Joaquim do Amor Divino Caneca foi o mais notavel dos auctores da Republica Federal do Equador, que resultou da revolta de Pernambuco. Era frade Carmelita e foi elle o redactor principal do Tiphlis, orgão dos revolucionarios. Suffocada a revolução pelas tropas imperiaes, Caneca foi preso, condemnado á morte e fuzilado.

14 de janeiro.—Morre Pedro Sarpi, 1623.

Pedro Sarpi, conhecido pelo nome de Fra Paolo, historiador e publicista italiano, foi um sábio de primeira ordem e escriptor de grande merecimento. Ardente democrat e inimigo sem treguas da influencia papal foi mandado assassinar pelo papa, sendo assaltado por cinco sicarios que o encheram de punhaladas.

15 de janeiro.—A Convenção Nacional declara Luiz XVI conspirador contra a liberdade e contra a patria por 682 votos, 1793.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Compreae

A OSMOND

A hygiene publica

A falta de espaço com que hoje luctamos inibe-nos de publicar o artigo sobre a hygiene em Aveiro, de que pedimos desculpa ao seu auctor.

THEATRO AVEIRENSE

Não se podendo classificar de primeira ordem é, no entanto, uma companhia que satisfaz a que dirige o sr. D. Lorenzo Simonetti, tendo por maestro D. Pablo Gorgé.

Tem no pessoal scenico artistas de verdadeiro merecimento, como D. Gaspar Rodrigo e D. Carmen Ortega, fazendo um desempenho muito regular, embora com pouco enthusiasmo. Os coros são bem afinados e a orchestra desempenha muito bem. Receberam por isso todos o applauso do nosso publico.

Recreio Artístico

Realisaram-se hontem as eleições para os novos corpos gerentes d'esta prestimosa Associação local, recahindo os cargos nos seguintes cavalheiros:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—Manuel Homem de Carvalho Christo; Vice-presidente, Luiz Henriques; 1.º secretario, Francisco de Sousa Maia; 2.º secretario, Bernardo de Sousa Torres.

CONSELHO FISCAL

Francisco Maria de Carvalho Branco; Francisco Antonio Meyrelles; Maximo Henriques d'Oliveira.

DIRECÇÃO

Presidente—Julio Rodrigues da Silva; Vice-presidente, Francisco Pinto d'Almeida; Thezoureiro, Joaquim Ferreira Felix; 1.º secretario, Antonio dos Reis Santo Thyrso Junior; 2.º secretario, Cesar Augusto Ferreira; Vogaes: Feliciano de Pinho das Neves; Albano da Costa Pereira; José Marques Sobreiro; João Simão.

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costeira

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco (20 litros)...	1\$000
» encarnado.....	1\$100
» manteiga.....	1\$000
» amarelo.....	1\$000
» misturado.....	800
» caraça.....	1\$100
» frade.....	750
Milho branco.....	780
» amarelo.....	760
Trigo gallego.....	1\$100
» tremez.....	900
Cevada.....	760
Centeio.....	700
Batatas, 15 kilos.....	450
Ovos, duzia 220, cento.....	1\$750

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Mix.	Mix.	Rap.	Mix.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Lisboa.....	7	11,5	4,30	7,5	9,30
Entronc.º.....	T.	1,40	6,19	1	12,21
Coimbra...	2,51	6,9	8,17	6,11	3,28
Pampilhosa...	3,23	7,11	8,35	7,3	4,1
Mogofores...	3,51	7,56	—	8,8	4,38
O. do Bairro...	4,4	8,9	—	8,22	4,50
Aveiro.....	4,34	8,43	9,18	8,57	5,18
Estarreja...	5,26	9,45	—	9,27	5,40
Ovar.....	5,53	10,13	—	9,52	5,59
Espinho.....	6,30	10,54	—	10,26	6,23
Porto(S.B.º).....	7,47	12,14	10,40	11,34	7,20

DO PORTO A LISBOA

	Mix.	Mix.	Mix.	Rap.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Porto(S.B.º).....	4,35	11	1,15	4,20	7,55
Espinho.....	5,16	12,7	3,25	—	8,48
Ovar.....	6	12,34	3,54	—	9,12
Estarreja.....	6,25	1,4	4,22	—	9,36
Aveiro.....	6,45	1,29	4,41	4,41	9,53
O. Bairro.....	7,22	2,32	5,25	—	10,32
Mogofores.....	7,36	2,57	5,38	—	10,45
Pampilhosa.....	7,57	3,22	5,59	6,21	11,7
Coimbra.....	8,33	4,1	7,3	6,40	11,33
Entronc.º.....	1,29	—	12,37	8,48	2,42
Lisboa.....	3,42	11,55	5	10,40	5,40

Tramways—Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: de S. Bento, de manhã, 7,7; de tarde, 6,7. De Aveiro para S. Bento de manhã, ás 3,55 e 10,15; de tarde, ás 4,46.

Desastre.—Os foguetes de dynamite

Quando o sr. José Maria da Costa Junior queimava uma porção de foguetes dos taes chamados de dynamite, rebentou-lhe um na mão esquerda produzindo-lhe um grande ferimento, o que o impossibilitou de trabalhar por algum tempo.

Mas o que é certo é que ainda não foram tomadas providencias algumas contra tal abuso, pois ainda hontem de manhã é ao meio dia os ouvimos estourar como se fossem granadas japonezas em cima das fortalezas de Port-Arthur.

Ao menos dá-nos uma ideia do canhoneio da grande guerra. Até já estivemos resolvidos a metter requerimento para continuarem com mais vigor.

Balles de mascaras

Principiaram já no Theatro Aveirense os bailes de mascaras, sendo por emquanto diminuta a concorrência.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade da terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.^a ed., cart. 300 réis, broch.
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.
Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.^a ed., cart., 300 réis, broch.
Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.....

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada.
Livros de polémica sobre o Methodo
A Cartilha Maternal e o Apostolado.....
A Cartilha Maternal e a Crítica.....

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed.
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga.....

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda
 (LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

A VEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

ou

Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até! — não possuir.
 Preço, brochado 500 réis, cartonado 600 réis.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.^o—LISBOA.

E em todas as livrarias.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 480; chá, desde 1800 a 3500 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.^a, a 120; velhas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.^o



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obra a ouro, prata, platina, e a cemento, tanto por preços baratos Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.
 RUA DA COSTEIRA
 (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do mato-douro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista,
 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.
 Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
 Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.^o 43 a 45—AVEIRO